



ENSINO DE GEOGRAFIA PARA SURDOS: O CINEMA COMO EXPERIÊNCIA E RECURSO DIDÁTICO

FABIO RODRIGUES PEREIRA
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
fabiorp7@hotmail.com

Introdução

A atividade do professor no processo ensino-aprendizagem é uma permanente provocação. Que é amplificada quando nos deparamos com mudanças em nosso cotidiano escolar, entre elas o imenso desafio do ensino para alunos surdos. Ao ingressar no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 2014, me deparei com uma realidade que, até então, não me preocupava: como seria uma aula de Geografia para surdos? Mesmo com uma grande experiência docente em escolas públicas e privadas, nunca, até aquele momento, tinha ministrado aulas para um aluno surdo e, a partir dali, teria turmas inteiras somente de surdos. Portanto, seria necessário “descobrir” caminhos possíveis para esta nova jornada desconhecida.

Dentro desta perspectiva, como trabalhar com parâmetros desconhecidos, até então? Através da troca com outros profissionais mais experientes além, é claro, da participação dos alunos, o que tornou possível o começo de uma travessia nesta difícil e longa jornada que é a educação de surdos. A curiosidade que é um elemento básico no processo ensino-aprendizagem e reforça a relação estabelecida em sala de aula a partir da permanente troca entre aluno e professor, tem sido determinante para a aproximação, a compreensão do outro e permitiu essa caminhada até aqui cheia de questionamentos e perspectivas. Através destas ações indispensáveis, as possibilidades se multiplicaram no ambiente escolar e, de certa forma, transformaram dificuldades em estímulos. O que para Paulo Freire são: “Saberes demandados pela prática educativa em si mesma...”¹ Estes saberes são forjados conjuntamente e demandam uma profunda aproximação entre todos os envolvidos nesta construção coletiva.

Ao professor, portanto, cabe a constante indagação sobre as possibilidades diante de um processo coletivo de ensino-aprendizagem: o de “uma reflexão crítica sobre sua prática”,² já que seu papel pode ser transformador numa sociedade multicultural. Uma sociedade multicultural, de origens e conhecimentos diferenciados, que em pleno século XXI, apresenta enormes desafios para garantir uma gama cada vez maior de conhecimentos.

Para Candau³, “[...] o multiculturalismo é uma das características das sociedades atuais. Vivemos em sociedades multiculturais”. E, os surdos, portanto, são parte desse universo multicultural devendo ter suas demandas respeitadas. A língua de sinais é uma dessas características marcantes da identidade surda, portanto, importantíssima, no que diz

¹ FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo: Paz e Terra Ed., 25ª Ed., 2002, p. 12.

² *Ibid.*, p. 12.

³ CANDAU, Vera. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008, p. 50.



respeito à possibilidade de interação com o outro e, por isso, imprescindível e motivo de total atenção no processo de ensino-aprendizagem numa escola de surdos.

Todas essas premissas estão voltadas para essa grande questão da articulação entre igualdade e diferença, isto é, da passagem da afirmação da igualdade ou da diferença para a da igualdade na diferença. Não se trata de, para afirmar a igualdade, negar diferença, nem de uma visão diferencialista absoluta, que relativize a igualdade. A questão está em como trabalhar a igualdade na diferença.⁴

O trabalho docente apresenta grandes desafios e, quando trabalhamos com alunos surdos, essa complexidade é ainda maior devido a diferença linguística desses alunos. Se, as diferenças culturais, de gênero, sociais, étnicas, entre outras, representam uma realidade importante na troca entre professor e aluno, no caso dos alunos surdos encontramos um ponto mais complexo: a língua.

“Nova Realidade”; “Novo Professor”.

Em 2014, assim que comecei a trabalhar no Instituto Nacional de Educação de Surdos, comecei a aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em três cursos quase simultâneos, com professores surdos do próprio INES. Este contato inicial me auxiliou demais a começar a entender a língua de sinais e a compreender a “identidade surda”. Assim, foi possível me aproximar daquela realidade muito diferente da que encontrava em meu cotidiano de trabalho anteriormente.

Esse pouco tempo de contato com a língua de sinais não era garantia de comunicação com meus novos alunos. A fluência e a comunicação eram uma enorme preocupação porque necessitava, como professor, da capacidade de abordar conteúdos disciplinares em sala em outra língua que não dominava. Assim, durante muito tempo, minha preocupação com essa nova responsabilidade era imensa e, por isso, mesmo sem querer, fazia Libras na rua ao agradecer as pessoas ou, em casa, conversando com meus filhos e sinalizando em Libras ao mesmo tempo em que falava. Até sonhando eu já começava sinalizar com outras pessoas, tamanha a preocupação que tinha em relação à aquisição da língua.

A fluência na língua, que não seja sua língua materna, é muito complicada e requer prática e tempo. É necessário, além disso, de trocas permanentes com os usuários da língua em questão. Ou seja, mesmo trabalhando no INES com alunos surdos, com professores surdos e com amigos surdos, há quatro anos, ainda estou longe de ter um domínio linguístico capaz de me dar segurança absoluta em meu trabalho.

No Colégio de Aplicação do INES é possível trabalharmos com um intérprete de Libras em sala. Esta é uma conquista importante dos estudantes da instituição e um apoio crucial aos profissionais que não saibam Libras ou que estejam começando a exercer suas atividades com alunos surdos. Os intérpretes são fundamentais em nosso dia a dia, mesmo fora da sala de aula e mesmo depois de alguma experiência com a língua de sinais. Mas, desde o início das aulas, em 2014, apostei na possibilidade de uma troca enriquecedora entre alunos e professor para garantir a comunicação e ampliar as possibilidades na sala. Sendo assim, não contei com o excelente trabalho dos intérpretes em sala de aula e, com bastante cuidado e paciência, tenho avançado no entendimento e na comunicação em Libras.

⁴ Ibid.: p. 5.



Assim, pude notar que existe uma grande dificuldade na utilização do material didático tradicional (livro didático em português) e, percebi a necessidade da produção de um material didático extremamente rico em imagens. Portanto, toda a experiência como professor de alunos ouvintes, seja como elaborador de material didático (livro em português), ou pensando em formatos de aula e abordagem de conceitos, por exemplo, não me serviam mais. Neste contexto, tudo me parecia extremamente novo. Para tentar responder algumas das minhas indagações a troca de ideias com meus pares, professores de Geografia, foi crucial. Sua experiência no ensino de surdos me ajudou muito na constante busca por formas de utilização de imagens como parte do material didático e de maneiras mais eficazes de abordagem de conteúdos.

Levar em consideração que alunos e professores surdos são parte indissociável do processo de educação no CAP/INES, é compreender a importância das referências e do reconhecimento da identidade surda. Portanto, é preciso ressaltar que o processo de aprendizagem necessita de conhecimentos e de alunos, que para Nóvoa significa que:

[...]ela não se faz sem pessoas e uma referência às suas subjetividades, sem referências aos seus contextos sociais, suas sociabilidades. Mas ela também não se faz sem conhecimentos e sem a aprendizagem desses conhecimentos, sem o domínio das ferramentas do saber que são essenciais para as sociedades do século XXI.⁵

Assim, tenho buscado a união da produção de materiais didáticos de Geografia para os alunos surdos e o Cinema como parte integrante e dissociável nesse processo. Então, como colocar em prática, compreender e transcender a importância do audiovisual neste processo? Como a utilização do Cinema e, portanto, da imagem em movimento seria capaz de auxiliar, amplificar, complementar ou até mesmo integrar plenamente esse processo? Não traremos respostas e fórmulas prontas a questões tão complexas. Neste artigo, abordaremos experiências, vivências e possibilidades, permanentemente debatidas, no ensino de Geografia para alunos surdos. Logo, o relato da minha experiência é parte dessa contextualização necessária para refletirmos sobre possibilidades e caminhos aqui apontados.

Desse modo, é imperativo destacar minha experiência na Escola de Cinema do INES. Desde que ingressei na escola trabalho com o Cinema dando aulas para os alunos no contra turno como aulas optativas. Essa tem sido uma experiência tão importante e enriquecedora quanto às aulas de Geografia, que acabam se tangenciando. A formação em Cinema ampliou minha percepção sobre a importância do audiovisual na educação e formação da cidadania. Assim, com a ajuda dos professores de muitas disciplinas, que já trabalhavam na escola e minha formação, foi possível ampliar a percepção da importância da imagem e do Cinema na educação de surdos.

O Ensino de Geografia no INES

⁵ A. NÓVOA, Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo, São Paulo: SINPRO-SP Ed., 2007, p. 6, 7.



O INES é uma escola bilíngue, onde a Língua Brasileira de Sinais - Libras - é a principal língua de instrução (L1) e, o português escrito a segunda língua (L2). Portanto, os professores do INES, mesmo ouvintes, utilizam-se das duas línguas em sala. E, a escola adota currículo semelhante ao das escolas regulares, com as disciplinas e seus currículos seguindo as orientações curriculares nacionais, mas apresenta um grande diferencial: “os alunos são usuários predominantemente de uma língua de natureza visual-motora”.⁶

Desse modo, a importância da utilização de Libras em sala é reforçada por diversos autores, entre eles Gesser, quando afirma:

Atualmente há um consenso entre especialistas sobre o fracasso escolar em relação à aquisição de conhecimento e ao desenvolvimento da linguagem (escrita) quando a língua de sinais não é utilizada como língua de instrução.⁷

O surdo, por conseguinte, necessita de um material didático em Libras e outros recursos didáticos diferenciados como condição crucial para o aprofundamento da comunicação e a possibilidade de identificação com o conteúdo da disciplina. O que é destacado, em outro artigo sobre o material didático no ensino de Geografia para surdos, escrito em parceria com Arruda:

A produção do material didático na língua de sinais não pode ser visto meramente como uma “tradução” do conteúdo existente no livro de Geografia em português. É, na verdade, um “novo” conteúdo, em que o indivíduo surdo é o objeto e se reconhece, se empoderando. Não se trata aqui da mudança de conceitos ou até da “adaptação” de temas presentes no currículo de Geografia e, sim, da ampliação das possibilidades de ensino da disciplina.⁸

O ensino de Geografia voltado para o aluno surdo, portanto, deve utilizar a maior gama de recursos possíveis. Tais materiais são de extrema importância para ampliar as possibilidades de troca entre o aluno surdo e o professor. Muitos estudos, (QUADROS, 1997); (ARRUDA, 2012); (SKLIAR, 1998), apontam e debatem a necessária utilização de material didático em Libras. Além disso, é oportuno refletir e debater o processo educativo como um todo, já que, assim como nas escolas ouvintes, o INES, escola somente para alunos surdos, tende a reproduzir o mesmo processo existente em outras escolas: a divisão por disciplinas que não interagem entre si, por exemplo. Este conhecimento compartimentado, com as diversas disciplinas isoladas e sem uma troca permanente, representa uma escola reprodutiva, o que para Demo significa que: “A escola reprodutiva considera o conhecimento um processo linear. Por isso, aposta em sua simples transmissão.”⁹

Diante disso, cabe salientar a necessidade permanente na utilização de recursos visuais e outras possibilidades como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Essa vivência, com alunos surdos, que mudou completamente meu olhar sobre todo o processo escolar, é contemplada com a percepção da necessidade de trilhar outros caminhos e ampliou minha curiosidade sobre questões que, já permeavam meu trabalho. Possibilidades, estas, já expressas por Morin:

⁶ S. ROCHA, O INES e a Educação de Surdos no Brasil, Rio de Janeiro: INES Ed., 2ª Ed., 2008, p. 131.

⁷ A. GESSER, LIBRAS? Que Língua é Essa?: crenças e preconceitos em torno da linguagem de sinais e da realidade surda, São Paulo: Parábola Ed., 2009, p. 59.

⁸ PEREIRA, Fabio R. e Arruda, Guilherme B., Material Didático no Ensino de Geografia para Surdos, Revista Giramundo, Rio de Janeiro, V. 3, N. 5, P. 103-110, Jan. / Jun. 2016. P. 105.

⁹ DEMO, Pedro. Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento: São Paulo: Editora Atlas, 2002. P. 124.



A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.¹⁰

De que maneira seria possível irmos ao encontro dessa formação plena? Como seria possível, dentro da estrutura de ensino atual, transformarmos este processo numa educação menos segmentada, em que o aluno seja capaz de ser e reconhecer seu papel de cidadão em um mundo cada vez mais “interligado”? A interdisciplinaridade pode ser uma dessas ferramentas. O que para Morin se apresenta como algo indivisível:

[...] emergência de um pensamento “ecologizante”, no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural.¹¹

Com isso acreditamos que seja possível romper o isolamento das disciplinas¹², tendo como base uma profunda inter-relação baseada na colaboração de múltiplos conhecimentos que se complementam. Como a educação segmentada e fragmentada predomina na maioria das escolas, incluindo o INES, pensamos caminhos que pudessem, mesmo dentro da divisão por disciplinas, nos aproximar de uma troca mais aprofundada com outras “áreas do conhecimento”. Que prática, então, seria possível para a realização desse momento?

Cinema e Geografia

Dentro do ensino de Geografia é possível pensarmos e apresentarmos questões e conceitos inseridos em um processo integrado a outras disciplinas. A Geografia é uma disciplina que tem um “caráter multidisciplinar”. Ela transborda e recebe conhecimento de praticamente todas as outras disciplinas. Talvez, por isso, ministrar aulas de Geografia exija uma prática que, no mínimo, se aproxime desta multidisciplinaridade, tão necessária para esse “conhecimento em rede”¹³. Para tal, o cinema seria o amálgama que permitiria a fusão, em imagens, deste conhecimento integrado.

O cinema, construído na escola, permite a quebra de muitos conceitos consolidados e facilita uma constante construção criativa e coletiva. As práticas, utilizando o cinema ou fazendo cinema, na escola, abrem muitas janelas que, anteriormente nos pareciam fechadas. Para Migliorin: “No cinema e na educação, os princípios que orientam estas práticas jamais antecedem o próprio fazer: são inventados simultaneamente.”¹⁴ Sendo assim, é possível vislumbrarmos imenso potencial na presença do cinema na escola e, principalmente, no processo de educação como um todo. A Geografia, pois, pode se encontrar nessa interseção como o *lócus* de novas descobertas e perspectivas. Se,

¹⁰ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo, Brasil: Editora Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. P. 47.

¹¹ Idi., 2003. P.24.

¹² Ibid.

¹³ CAPRA, Fritjof. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século XXI. In: Trigueiro, A. (Coord.) Meio Ambiente no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003.

¹⁴ MIGLIORIN, Cezar. [et al.] Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos; Niterói (RJ); EDG, 2016. P. 11.



consideramos as linguagens cinematográficas como possibilidades universais, é possível imaginarmos a sua importância na educação de surdos, onde a imagem tem papel central.

O filme que é visto, por Rodrigues, Santana e Erthal, como um “importante aliado da educação geográfica que tem sido negligenciado pela escola tradicional”¹⁵, extrapola os limites do conteúdo e pode ser um importante aliado no processo ensino-aprendizagem. Quando o cinema é parte integrante do sistema escolar, as possibilidades se multiplicam e, é para Migliorin (2016) que: “Com o cinema na escola aprendemos que as práticas são sempre transformadoras e criativas, pois o mundo que se filma está em constante mudança.”¹⁶

Foi com a utilização de pequenos filmes de animação que muitas possibilidades pareceram se ampliar, filmes sem diálogos e sem legendas se mostraram extremamente motivadores e incrementaram possibilidades até então não percebidas por mim. O cinema, portanto, passaria a ter um papel central no processo educativo por seu caráter universal, constituindo o que Morin (2014) nomeia como “Um esperanto natural”, capaz de ser compreendido por qualquer pessoa, de qualquer idade, em qualquer lugar do planeta. Sendo assim, dentro de um contexto multicultural e, ao mesmo tempo, particular, como em uma escola de alunos surdos, o cinema representa mais que uma possibilidade, uma realidade necessária ao complexo processo ensino-aprendizagem. Parte de um campo, por vezes real, por outras, abstrato, que povoa o imaginário coletivo, e que pode ser capaz de atrair e colocar no centro deste processo tão complexo, quanto o do ensino-aprendizagem, o aluno.

O cinema é, pois, capaz de atingir a alma de todos nós, e pode nos levar a refletir sobre suas imensas possibilidades, que para Morin significa:

O cinema, como a música, encerra a percepção imediata da alma por ela mesma. Como a poesia, mais que a pintura e a escultura, ele opera por e através de um mundo de objetos dotados de determinação prática, e expõe narrativamente um encadeamento de acontecimentos...Falta-lhe o conceito, mas ele produz, e assim, mesmo que ele não expresse todas as virtualidades – pelo menos não ainda- ele ferve com todas as virtualidades do espírito humano.¹⁷

Portanto, o cinema por seu conteúdo imagético nos oferece condições propícias para que os alunos surdos possam ampliar a comunicação e a percepção de conceitos da Geografia. O cinema é, assim, capaz de atingir a alma de todos nós, e pode nos levar a refletir sobre suas imensas possibilidades. O cinema “ferve com todas as virtualidades do espírito humano”.¹⁸

CONCLUSÃO

Dentro dessa perspectiva, a sala de aula, pode e deve ser um espaço que permita e fortaleça o desenvolvimento integral do ser humano. É necessário, portanto, promover ações em que o conhecimento, a descoberta e a vivência sejam elementos vivos em uma escola plural. Podemos construir caminhos que respeitem as individualidades e não sejam

¹⁵ RODRIGUES, R. C. de A.; SANTANA, F. T. de M.; ERTHAL, L. C.. Aprendendo com filmes: o cinema como recurso didático para o ensino da Geografia; Rio de Janeiro; Lamparina ed., 2012. P. 9.

¹⁶ MIGLIORIN, Cezar. [et al.] Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos; Niterói (RJ); EDG, 2016. P. 11.

¹⁷ MORIN, Edgar. O Cinema ou O Homem Imaginário. Ensaio de Antropologia Sociológica. São Paulo: É Realizações Editora, 2014. P. 236.

¹⁸ Ibid.



lugares de aridez nas relações pessoais e interpessoais em uma escola, provocadora, ética, humana, que respeite e valorize as diferenças existentes entre os indivíduos.

A busca por uma condição mais humana na educação deve ser permanente. Essa busca é, muitas vezes, auxiliada por questionamentos constantes de nossa prática e de um arcabouço teórico que nos ajuda no reconhecimento das enormes dificuldades cotidianas no processo ensino-aprendizagem. O ensino de Geografia para alunos surdos deve, pois, ampliar tais possibilidades e ser capaz de abrir janelas para um mundo cada vez mais complexo.

Bibliografia

ARRUDA, Guilherme B.; OLIVEIRA, Thabata F. de. **Desafio docente no contexto da surdez**: a proposta de criação do Núcleo de Pesquisa e Ensino de Geografia para Surdos. Revista Espaço, n. 37, p. 78-82, Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Material didático de Geografia para surdos em uma perspectiva bilíngue**. 2015. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE/FE/UFRJ, 2008.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica**: o desafio para a educação do século XXI. In: Trigueiro, A. (Coord.) Meio Ambiente no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.) **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo, Cosac & Naif Edições, 2001.

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem**: a dinâmica não linear do conhecimento: São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da linguagem de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1992.

MIGLIORIN, Cezar. **CINEMA E ESCOLA, SOB O RISCO DA DEMOCRACIA**. Revista Contemporânea de Educação, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 107-113, jan. 2012. ISSN 1809-5747. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1604/1452>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

_____. [et al.] **Cadernos do Inventar**: cinema, educação e direitos humanos; Niterói (RJ); EDG, 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Brasil: Editora Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **A Cabeça Bem Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**: Porto Alegre, Brasil. Editora Sulina, 2005.

_____. **O Cinema ou O Homem Imaginário**. Ensaio de Antropologia Sociológica. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.



PEREIRA, Fabio R.; ARRUDA, Guilherme B., **Material Didático no Ensino de Geografia para Surdos**, Revista Giramundo, Rio de Janeiro, V. 3, N. 5, P. 103-110, Jan. / Jun. 2016.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. **A forma visual de entender o mundo**. In Educação para todos. Revista especial, SEED/DEE Curitiba: Editora Expediente, 1998.

SUANNO, M. V. R.; FREITAS, C. C. de (Org.). **Razão sensível e complexidade na formação dos professores**: desafios transdisciplinares. Anápolis: Editora UEG, 2016.